

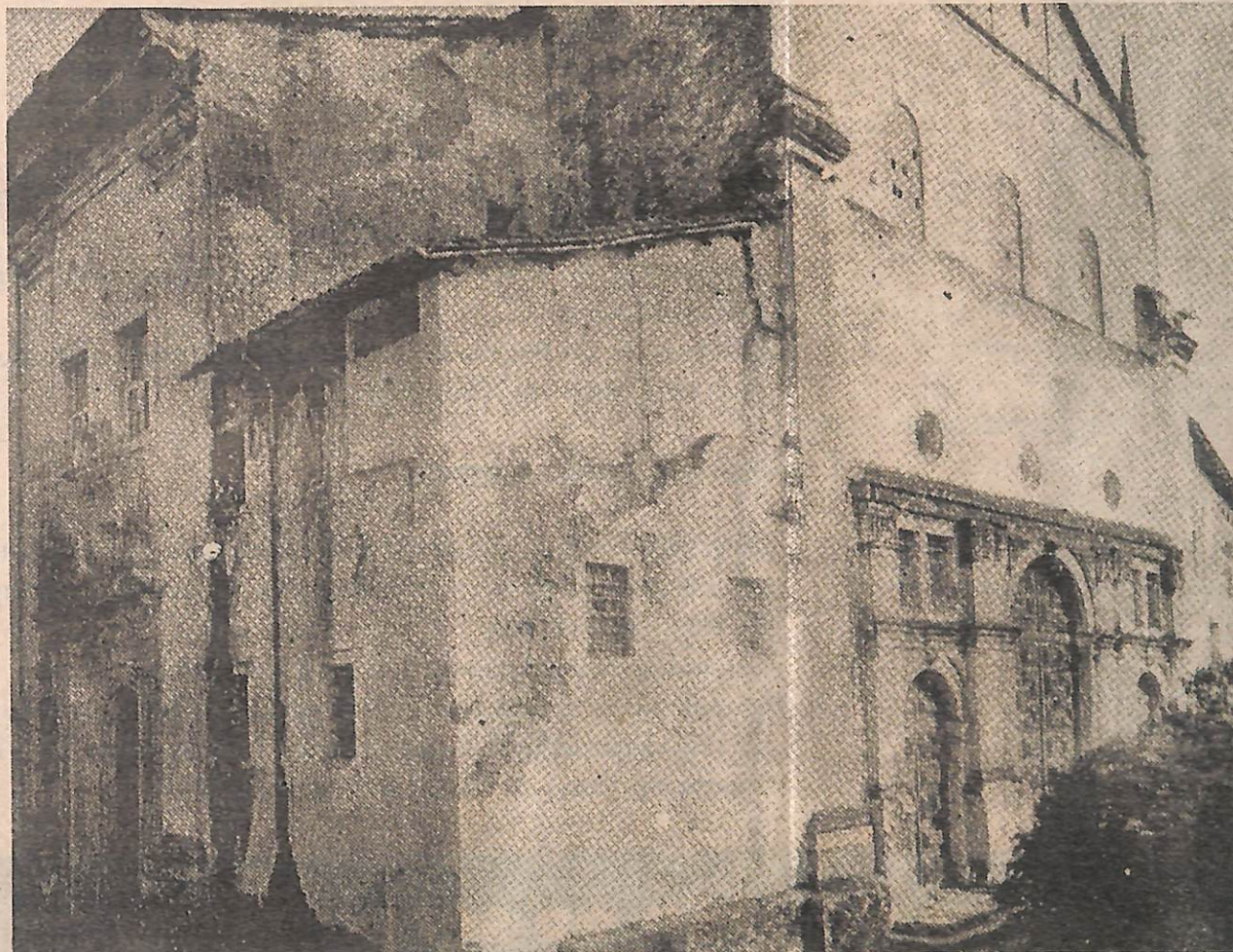
PMS / FMLF	
BIBLIOTECA	
Jornal: <i>A Tarde</i>	
Data: <i>09/04/95</i>	
Caderno: <i>2</i>	pagina: <i>3</i>
Seção:	
Assunto: <i>HISTÓRIA</i> <i>Igreja</i> <i>Sé Antiga</i>	

A demolição da antiga Sé

Luiz Roberto Dantas

A velha Sé da Bahia, ao que parece estava predestinada a desaparecer do mapa de Salvador. Com a sua construção iniciada em 1552, por Dom Pero Fernandes Sardinha, já nos primeiros anos do século XVII, encontrava-se praticamente em ruínas, motivando protestos do bispo visando uma reforma geral do prédio ou a própria demolição. Depois de muita discussão, decidiu-se por construir uma nova igreja no mesmo local acrescentando-se um coro em nível elevado e algumas capelas colaterais. Para traçar a planta baixa da nova Sé convidaram o engenheiro-mór Francisco Frias de Mesquita.

Entretanto, apesar dos esforços de algumas autoridades, os anos vindouros foram muito difíceis, porque os problemas estavam apenas começando devido ao flagrante desinteresse do governo civil, a ponto de provocar a paciência do bispo D. Pedro da Silva Sampaio, que conclamou a todos "a necessária ajuda para concluir as obras que se encontram completamente paralisadas". Reiniciaram, após a Restauração de Portugal, quando os recursos apesar de insuficientes, agora contavam com a ajuda financeira das irmandades religiosas e inúmeras confrarias, formando dessa maneira um só esforço tendo em vista a conclusão das obras. Porém, ainda não foi desta vez que a Sé ficou pronta devido a eterna falta de verbas. Em 1648, um novo esforço foi levado a efeito pela rica Irmandade do Santíssimo Sacramento da Sé juntamente com alguns devotos abastados. A essa altura, a edificação contava com mais de meio século de inconclusa. Mesmo assim foi elevada a condição de catedral metropolitana (principal igreja de um arcebispado), pelo Papa Inocêncio XI, em 1676.



Quando os jesuítas foram expulsos do Brasil, a igreja do Colégio ficou completamente abandonada, sendo requisitada pelo arcebispo Frei Manoel de Santa Inês para servir de catedral, permanecendo até os dias atuais, enquanto a interminável matriz não fosse concluída. Como os jesuítas não retornaram ao Brasil, a Sé ficou ao sabor do tempo, época do desaparecimento de várias imagens, pinturas, ourivesaria, e até mesmo o forro desapareceu misteriosamente em 1787.

O século XIX encontrou a nossa primeira grande igreja e uma das mais importantes do período monumental brasileiro, quase em ruínas. Eram os clarões do fim que já ronda-

vam a Sé Primacial do Brasil. A inevitável demolição se concretizou em 1933, motivada pelo afã modernizador da época, vindo a igreja abaixo apesar dos inúmeros protestos de artistas, para ceder lugar aos trilhos da famigerada Companhia Carris da Bahia. Naquele ano, em nome do progresso cometeram um delito contra o patrimônio histórico, que fez desaparecer a primeira igreja oficializada pelo Vaticano em nosso País. A antiga Sé desapareceu levando consigo uma boa parte de nossa história religiosa, para viver em nossa lembrança, e em alguns museus sacros de nossa cidade, além de diversas coleções particulares, através de fragmentos, lápides tumulares, quadros e alfaia diversas. Vale lembrar

a feliz idéia do Prof. Valentín Calderon de la Vara, que conseguiu transferir diversos fragmentos arquitetônicos para o Museu de Arte Sacra. Entre estes últimos fragmentos da velha Sé, encontravam-se pedaços do lavabo e do piso da capela-mór, pedras que pertenceram a decoração interior, e diversas lápides tumulares pertencentes entreoutros, aos arcebispos Dom Luís Alvarez de Figueiredo, falecido em 1735, e ao primaz Dom Sebastião Monteiro da Vide, falecido em 7 de setembro de 1722.

☆☆☆

Luiz Roberto Dantas é
museólogo da UFBA